

ARQUIVO PESSOAL

Subversivos, graças a Deus

Clóvis Victória

Há mais de meio século, as vidas de dois padres se cruzaram pela descoberta da vocação. Anos depois, elas voltariam a se atravessar, desta vez pela história do Brasil. Por ousar organizar agricultores familiares e promover a reforma agrária em terras que ninguém queria, Mariano Callegari e Roberto Pezzi foram presos como subversivos e julgados pelo regime militar. Ambos já não exibem o mesmo vigor de quem enfrentou a ditadura no final dos anos 1960, mas mantêm o viço de quem será homenageado em breve. No dia 30 de novembro, completam 50 anos de sacerdócio com festa em suas comunidades.

A espera da comemoração, Callegari hoje descansa na Sociedade Cultural de Assistência São João Wianey, a Casa do Padre, em Caxias. Seus olhos miúdos e vivos podem enxergar, da janela dos fundos do prédio, dois símbolos que involuntariamente homenageiam sua história. Primeiro ele aponta o Monte Bérico, em Farroupilha, onde fica a Linha Jansen. Foi lá que nasceu, há 76 anos. Num movimento de braço, da direita para a esquerda, ele faz uma viagem no tempo. Passa a indicar a arquitetura imponente do Seminário Nossa Senhora Aparecida, onde estudou para padre. Tinha oito anos quando seu pai o levou até as obras da casa paroquial. Ali mesmo soube que queria tornar-se homem respeitado pelo conhecimento. Três anos depois, voltaria para ficar.

– Antes de ser padre, vim a cavalo aqui com meu pai. Enxergávamos a obra do seminário lá de casa, lá das montanhas onde hoje é Farroupilha. Depois, com 11 anos, fiquei para estudar. Ajudei a construir o prédio – conta.

De casa, Roberto Pezzi precisava caminhar poucos quilômetros, muito menos do que Callegari, para chegar até o local. Neto de fundadores de Caxias do Sul – sua família chegou à lésua que hoje é o bairro São Romédio numa das últimas levadas da imigração italiana –, quis dedicar-se à vida religiosa desde a primeira comunhão. No seminário conheceu Callegari.

Os dois começaram os estudos no mesmo dia. A rotina exigia disciplina. Padre Pezzi lembra que ajudava o colega a lidar com o latim, idioma obrigatório para qualquer sacerdote. A facilidade de um era do tamanho da dificuldade de outro para aprender a língua hoje considerada morta.

Estudantes inseparáveis, foram afastados pelos muitos quilômetros entre as paróquias para as quais foram determinados depois da ordenação na Catedral de Santa Tereza, em Caxias, no ano de 1958. Callegari esteve em Farroupilha por cinco anos, passou por Caxias e chegou, no final dos anos 1960, a Torres. Pezzi andou por São Francisco de Paula, Nova Prata e Maringá, no Paraná, até reencontrar o velho amigo de seminário no Litoral Norte gaúcho. Além da formação, tinham agora a união dos dois pela paixão pelas ideias de esquerda e uma obra: organizar produtores familiares e ensinar-lhes noções de higiene e de trabalho em grupo.

– Em 1964, quando estourou a revolução (o golpe militar), eu estava em Maringá. O bispo de lá mandou os padres irem para a praça comemorar. Eu fui, mas fiquei meio assim. Já era brizolista – lembra Pezzi.

Minifúndios

Callegari e Pezzi chegaram a Torres com quatro anos de diferença. Lá conheceram as terras devolutas que, em

1960, o Instituto de Reforma Agrária (Irga), criado pelo governador gaúcho Leonel Brizola, já havia planejado dividir. Ambos plantaram no coração do Litoral Norte a semente da organização da agricultura em minifúndios. Se o seminário abria as portas da solidariedade, o Regime Militar queria trancafiar os ideais e jogar a chave fora. Ainda assim, não desistiram. Haviam herdado das famílias o exemplo de quem sempre precisou batalhar muito para melhorar de vida.

Callegari tinha o dom da retórica. Era categórico, por assim dizer. Nada de meias palavras com aquele baixinho de olhar enfezado. Já Pezzi demonstrava uma personalidade mais negociadora, trabalhava nos bastidores. Formavam a dupla perfeita. Na comunidade, um atava fogo com a pregação fundamentada na ideia de que uma andorinha só nunca fez verão. O outro apaziguava e resolvia. Era preciso montar um sindicato rural, lutar por verbas, trabalhar juntos o solo e brigar por melhores condições de vida. Aos poucos, organizaram os pequenos agricultores em associações para reivindicar um pedaço de terra numa região que nem grandes fazendeiros queriam.

– Cheguei em Torres em 1964. Fui nomeado pároco de Roça da Estância (hoje município de Mampituba). Não tinha luz, não tinha água. Só uma escola que o Brizola tinha feito. Medimos a terra, conferimos títulos de posse e concedemos as escrituras – relata Callegari.

Sem distinguir os filhos de Deus entre religiões e etnias, como o candomblé e os descendentes de judeus e árabes, disseminaram a ideia de melhorar de vida plantando e repartindo. Os padres viraram prato cheio para a ditadura. Os militares queriam exemplos para infligir terror.

A prisão

Era fevereiro de 1969. No 13 de dezembro anterior, o regime militar havia promulgado o Ato Institucional 5, o mesmo que ampliou a paranóia da caça aos comunistas e liberou a tortura nos porões da ditadura. Callegari e Pezzi estavam na companhia de outros cinco padres em uma praia próxima ao Rio Mampituba, em Torres, quando vieram chegar uma Vanerão escura do Departamento de Ordem e Política Social (Dops). Homens sisudos, mal-encarados e com sotaque paulista obrigaram-nos a entrar no veículo oficial. Da praia, foram direto à delegacia de Torres. Começava ali o tormento que duraria dois anos e meio.

– Nos pegaram na casa de verão da diocese e levaram embora – afirma Callegari.

Na delegacia, os padres seriam interrogados em pé, sem direito a tomar água ou comer alguma coisa por horas. Comandados pelo coronel Alarcon Lopes Barbosa, os agentes fizeram inúmeras perguntas, tentaram arrancar confissões e, principalmente, as relações que eles mantinham com Leonel Brizola. Pensavam que aqueles padres eram “vermelhos”, comunistas por assim dizer, e não podiam liderar processo de divisão de terras para gente pobre.

– Fazíamos as coisas ingenuamente. Pensávamos que trabalhávamos para o bem do país. A região era abandonada até 1950. Tive vontade de pegar uma metralhadora e sair atirando. Sofremos tortura psíquica – detalha Pezzi.

Depois do primeiro encontro com os verdugos da ditadura, Callegari e Pezzi ainda seriam interrogados algumas vezes. Uma delas em Porto Alegre, na Auditoria de Guerra. Callegari diz que montaram uma encenação com direito a trazer oficiais de São Paulo para prender os padres comu-

nistas. Foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional, considerados subversivos e inimigos da pátria. Corriam o risco, inclusive, de serem condenados à morte.

– Tudo isso porque fizemos a reforma agrária sem derramar uma gota de sangue. Naquela região de Torres, as pessoas não tinham nem noção de higiene. Precisavam se organizar para reivindicar médicos, postos de saúde, escolas, luz – explica Callegari.

Depois de inúmeros interrogatórios e enfrentamentos, os dois voltaram para suas congregações. Estavam em liberdade, mas uma liberdade proibitiva e vigiada. Não podiam deixar o município sob hipótese alguma.

– A gente tremia de medo e não tinha noção do quanto aquilo tudo que os milicos faziam para a gente era ridículo – avalia Callegari.

A absolvição

Padre Ulderico Pedroni morreu em 16 de agosto deste ano. Formado em Filosofia, Jornalismo e Direito, é parte importante da história que envolve a sorte dos outros dois sacerdotes. Foi ele que, em 1970, assumiu a defesa, perante o Tribunal Militar de Porto Alegre, dos padres “inimigos da pátria”. Mariano Callegari e Roberto Pezzi ainda hoje creditam à atuação de Pedroni a absolvição por unanimidade no processo. Callegari conta que estava em Porto Alegre, longe de sua comunidade. Desarmado para a guerra a ser travada, não tinha advogado. Ouviu que nenhum rábula da Capital teria coragem de assumir aquela causa perdida. Diziam-lhes, à boca pequena, que procurassem um advogado em Caxias do Sul.

Callegari trabalhara com o padre Pedroni na paróquia do bairro Lourdes, em Caxias, por quatro anos. Eram amigos. Entre 1960 e 1962, também foram companheiros em Antônio Prado. O padre-advogado topou na hora defender os “comunistas” e enfrentar um Tribunal Militar composto por quatro integrantes da Marinha, quatro da Aeronáutica,

quatro do Exército e quatro civis.

– O padre Pedroni disse: “não tenham medo que vamos vencer” – conta Callegari.

A promessa se cumpriu. Afinal, os dois eram não mais do que padres agitadores num canto esquecido do Estado. Não seriam capazes de fazer revolução alguma. Quando muito organizariam um bando de agricultores que precisavam de escola, higiene e terra.

– O juiz nos disse para ir para casa e não sair do município até que o Superior Tribunal Militar, do Rio de Janeiro, julgasse nossa causa. Saímos fazendo folia. Eles não conseguiram tipificar nenhum crime. O juiz disse abertamente: “continuem os trabalhos que vocês estão fazendo”. Continuamos com a reforma agrária – conta Callegari.

Pezzi ainda traz na memória um diálogo que teve com o juiz militar. O magistrado aconselhou os dois a ensinar somente a Bíblia para os agricultores. Nada de reforma agrária, que não era coisa para padres. Já haviam sido absolvidos em primeira instância. Que não abusassem da sorte. Pezzi bateu de pronto.

– Perguntei se ele já tinha lido a Bíblia. Me respondeu “um pouco”. Aí eu disse que, se ele tivesse lido Jesus Cristo, faria mais do que eu fiz para ajudar as pessoas – diz.

Em 1971, viria a notícia que causou alívio geral. O Tribunal Superior Militar achou por bem absolver os sacerdotes de qualquer crime político.

clovis.victoria@jornalpioneiro.com.br

Pe. Pedroni topou o desafio de defender os sacerdotes

ALMANAQUE 25 E 26 DE OUTUBRO DE 2008 | 8 e 9

Pezzi (acima) e Callegari (na página seguinte), no dia da ordenação, em 1958

Prestes a completar 50 anos de sacerdócio, dois **padres ordenados em Caxias** têm suas histórias marcadas pela luta contra a ditadura e por um exemplo de coragem que os salvou da prisão

35 anos fazendo sala, lounge, home, office...

Sulandés. 35 anos de estilo e conforto. Venha conhecer nossa loja e realize seus sonhos.

Rua João Michelin, 2275
Paralela à RS-122
Próximo ao Bus Hotel e ao Shopping Lighters.

Visite também: www.sulandes.com.br

adulto | criança | criança